

CAPÍTULO 3

LETRAS ANGULARES DA MINÚSCULA GÓTICA

Sergio Augusto Medeiros

RESUMO

O estudo apresenta uma breve análise histórica da letra gótica, desde suas origens na caligrafia até seu uso na tipografia e na cultura visual. A pesquisa busca compreender como as mudanças socioculturais influenciaram o desenvolvimento dessa forma de escrita e sua adaptação ao longo dos séculos. Ao examiná-la em diferentes contextos históricos e culturais, a observação evidencia sua significação em movimentos políticos e musicais, explorando como seu formato se tornou um símbolo de conhecimento, poder e tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Caligrafia; Tipografia.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, as formas de escrita assumiram funções diversas. Na Europa Ocidental, uma das transições mais marcantes foi a transformação do estilo gótico, que passou da caligrafia manuscrita para a tipografia impressa. Desenvolvida no final da Idade Média, a letra gótica correspondeu às demandas da época, contornada por fatores culturais, religiosos e políticos. Influenciada por adaptações no *ductus* caligráfico, a fonte gótica passou a carregar significados complexos e, por vezes, dicotômicos, expandindo sua usabilidade tradicional e marcando as mudanças ideológicas e culturais de seu tempo.

O desenvolvimento geral da arte caligráfica na Europa ocidental foi determinado predominantemente por quatro fatores. A caligrafia vertical podia evoluir para a cursiva através de mudanças no *ductus* das letras (isto é, no número, ordem e direção de seus traços componentes); daí, a gradual evolução, no período romano, do AEBDGP vertical maiúsculo para o cursivo aebdgp minúsculo. Inversamente, o rápido *ductus* de uma escrita cursiva documental podia ser elaborado a fim de criar uma nova escrita vertical apropriada para livros (LYON, 1997, p. 170).

Durante séculos, a letra gótica foi a principal meio de escrita utilizada em manuscritos religiosos, tratados acadêmicos e documentos oficiais. Esse movimento inicial abriu o caminho para o desenvolvimento de novas formas de escrita, que representaria a verticalidade e o rigor das catedrais góticas da época. A transição para esse formato de letra foi repleta de referências sociopolíticas, nas quais o cristianismo e a centralização do poder forjaram não apenas o conteúdo dos textos, mas também sua formatação. À medida que as universidades emergiam como centros de saber, a necessidade de economizar espaço nos manuscritos levou à criação de letras condensadas e mais angulares, características marcantes da letra gótica.

No final do século XV, impressores alemães levaram a tipografia ao norte da Itália. Os tipos utilizados para a impressão de livros eram inspirados nas capitulares romanas⁵ e nas minúsculas carolíngias⁶. No entanto, esses tipos ainda eram relativamente compactos, com pouco espaçamento entre as letras, o que resultava em uma página com aparência mais escura. Além disso, mantinham características dos traços feitos com bico de pena e, inicialmente, apresentavam uma forte influência da caligrafia gótica (CHARTIER, 1999).

O rigor estético da caligrafia gótica, predominante entre os séculos XII e XVI, passou a ser associado a estereótipos negativos, especialmente durante o Renascimento, quando o humanismo e a redescoberta da antiguidade clássica impulsionaram o uso da letra romana. A letra gótica, muitas vezes vinculada ao lado "obscuro" da Idade Média, passou a ser vista como antiquada e opressiva, associada às tradições religiosas rígidas e elite governante da época. Ao mesmo tempo, esse estilo começou a ser marginalizado, sendo relegada a usos limitados em contextos específicos, como cerimônias religiosas ou publicações especializadas. Contudo, a tipografia gótica não desapareceu completamente. Durante o século XX, especialmente nas Guerras Mundiais, a tipografia gótica foi resgatada por movimentos nacionalistas, especialmente na Alemanha. Posteriormente, passou a ser ressignificada e utilizada em diversos tipos de design gráfico.

2 DESENVOLVIMENTO

A origem da letra gótica remonta ao contexto histórico e cultural da Idade Média. Entre os séculos IX e XVI, a Europa Ocidental passou por profundas transformações que impactaram suas estruturas políticas, econômicas e a maneira como a comunicação escrita era concebida e praticada. Durante esse período, a escrita gótica, com suas formas densas e angulosas, tornou-se predominante, evidenciando as necessidades da época.

Conforme Lyon (1997), no período gótico, entre o final do século XI e o início do século XVI, diversos tipos de minúsculas mais densas e comprimidas, conhecidas como textura, foram amplamente utilizados para textos literários, abrangendo desde os litúrgicos até os universitários e vernáculos. Após o século XIV, os estilos de escrita mais formais permaneceram predominantemente em uso para textos religiosos e bíblicos, enquanto as

⁵ As capitulares romanas, também conhecidas como letras capitulares, são caracteres tipográficos usados no início de parágrafos ou seções em manuscritos medievais e documentos oficiais. Caracterizam-se por sua ornamentação e tamanho maior em comparação com as letras do corpo do texto, servindo tanto para destacar o início de uma nova seção quanto para adicionar um elemento decorativo à página.

⁶ As minúsculas carolíngias foram desenvolvidas durante o reinado de Carlos Magno no século VIII e IX, como parte de uma reforma na escrita para padronizar e simplificar a caligrafia em todo o Império Carolíngio.

caligrafias informais foram gradualmente substituídas por variações cursivas. Na Inglaterra, de acordo com o autor, por volta de 1150, documentos régios já eram escritos em uma caligrafia semi-cursiva, e, em 1230, o estilo cursivo anglicano gótico estava amplamente estabelecido como padrão para registros e documentos públicos e privados. Um estilo cursivo similar foi adotado em toda a Europa por volta de 1250, sendo que, até meados de 1375 a 1425, muitos dos estilos regionais mais antigos foram substituídos por um tipo mais refinado, aperfeiçoado na chancelaria real francesa em meados de 1350. As caligrafias das secretarias e da corte inglesa no século XVI derivaram, em grande parte, dessa escrita gótica cursiva francesa e da variação anglicana.

A letra gótica era amplamente utilizada em manuscritos seculares e religiosos, especialmente em livros de coros e em documentos jurídicos e administrativos que precisavam ser lidos com facilidade. No entanto, a preferência por uma caligrafia mais legível e humanística levou à coexistência da letra rotunda com a ascendente letra romana. Com o tempo, a letra romana substituiu os estilos góticos na maioria dos textos oficiais.

A crescente demanda por livros impulsionou o desenvolvimento de uma nova estrutura de escrita que economizasse espaço e facilitasse a cópia de manuscritos. Grande parte dos registros preservados de caligrafia da antiguidade tardia e do período medieval foi produzido por escribas treinados para redigir livros ou documentos. A caligrafia vertical, tradicionalmente utilizada em livros, exigia que cada letra fosse desenhada por um número específico de traços, garantindo maior clareza e legibilidade. Por outro lado, a escrita cursiva documental, que utilizava menos traços para formar as letras e permitia que elas fossem conectadas de várias formas, era projetada pela rapidez na escrita (LYON, 1997).

A escrita gótica, segundo Marques (2002), caracteriza-se por suas linhas verticais retas e angulosas em letras que tradicionalmente seriam arredondadas, como "o", "a", "d", "c" e "e", além de uma desproporção entre altura e largura, resultado de uma modificação acentuada no módulo. Outro traço marcante é o equilíbrio entre traços finos e grossos, o que confere aos textos um efeito de claro-escuro, muito relacionado à maneira como a pena era aparada.

Em sua matriz inicial, foi fortemente influenciada pelas características arquitetônicas da época, em particular o estilo gótico das catedrais medievais, que eram construídas com arcos elevados e uma ênfase na verticalidade. Essa influência é visível nos modelos alongados e verticais da escrita gótica, que buscava maximizar o uso do espaço em cada página de manuscritos, refletindo a grandiosidade das construções religiosas. A economia de espaço

também era importante, uma vez que o papel e o pergaminho eram caros, e a produção de livros manuscritos exigia uma grande quantidade de materiais.

De acordo com Lupton (2021), no século XV, na Itália, escritores e eruditos humanistas começaram a rejeitar as escritas góticas, optando pela *lettera antica*, um modelo clássico de caligrafia com aspecto mais amplo e aberto. Essa preferência estava alinhada com os ideais da Renascença. Nicolas Jenson, que havia aprendido a arte da impressão na Alemanha, estabeleceu uma oficina em Veneza por volta de 1469. Seus tipos, que combinavam tradições góticas adquiridas na França e Alemanha com um gosto pelas formas arredondadas, são amplamente considerados os primeiros tipos romanos.

Embora a letra gótica tenha dominado a Europa por vários séculos, seu uso começou a declinar a partir do século XV, com o advento da imprensa de tipos móveis. A tecnologia da impressão exigia letras que fossem fáceis de reproduzir mecanicamente, e a complexidade das letras góticas, especialmente a textura, tornou-se um desafio para os primeiros impressores.

Segundo Chartier (1999), a primeira fonte tipográfica do alfabeto latino surgiu em Mainz, criada por Gutenberg (1394; 1468) para a impressão da Bíblia de 42 linhas. Essa tipografia foi baseada na escrita gótica, conhecida como *Blackletter*, e buscava reproduzir com precisão o estilo textura, muito utilizado nos manuscritos religiosos e escolares da época. Gutenberg desenvolveu cerca de 300 caracteres diferentes, buscando aproximar sua tipografia dos manuscritos dos escribas, onde as letras variavam sutilmente dependendo de sua posição nas palavras ou linhas. Além disso, ele contou com o auxílio de um escriba experiente para a criação das matrizes de metal, o que resultou em uma fonte que capturava com êxito os traços orgânicos da caligrafia alemã daquele período.

Lupton (2021) observa que, a Bíblia de Gutenberg foi inspirada em manuscritos feitos à mão, imitando a caligrafia densa e escura conhecida como “gótica”. Para reproduzir essa textura, Gutenberg criou variações de cada letra, além de utilizar ligaduras.

Os tipos móveis, inventados por Johannes Gutenberg na Alemanha no início do século XV, revolucionaram a escrita do Ocidente. Enquanto os escribas ainda produziam livros e documentos manualmente, a impressão com tipos móveis permitiu a fabricação em massa: grandes quantidades de letras podiam ser fundadas a partir de moldes e organizadas em “formas”. Uma vez que as páginas tivessem sido revisadas corrigidas e impressas, as letras eram guardadas em caixas subdivididas para serem reutilizadas (LUPTON, 2021, p. 13).

Inspirada pelas letras utilizadas em antigos textos romanos, a *lettera antica* resgatou elementos clássicos, com traços mais abertos e proporcionais, que contrastavam com a natureza densa e condensada da escrita gótica. Na letra gótica, as ligaduras consistem na fusão de duas

ou mais letras em um único caractere. Essas formas condensadas, com hastes longas e traços descendentes reduzidos, permitiam a acomodação de um maior número de letras por linha e, conseqüentemente, mais linhas por página. A tipografia gótica desenvolveu diversas variações, entre as quais destacam-se a Gótica de Forma (conhecida também como Textura ou *Gotisch*), a Gótica de Suma (ou Rotunda), a Bastarda e a Fratura, dentre outras.

Conforme Heitlinger (2006), o *scriptorium* do Mosteiro de Santa Cruz, fundado no século XII, começou sob a influência da escrita visigótica de transição, mas logo se desenvolveu em diversos tipos do estilo gótico. Uma das variantes, a letra Bolonha (*littera boloniensis*), é conhecida por seu tamanho reduzido e estrutura compacta, com traços quebrados, múltiplas abreviações, ligaduras quase invisíveis e hastes e caudas curtas, apresentando uma altura particularmente baixa. O autor constata que Paris, Bolonha e Oxford se tornaram os centros universitários essenciais na evolução das variantes da escrita gótica, cada um formando suas próprias tradições caligráficas. Com o tempo, surgiram as Bastardas, que eram variações regionais da gótica. As Rotundas, ou letras redondas, apareceram na Itália por volta de 1470 como uma resposta à Textura, a forma predominante desde o século XIII. A Textura eliminou as curvas em favor de linhas quebradas, resultando em letras hexagonais e alongadas. Na Alemanha, essa variante estreita foi escolhida por Gutenberg para a criação dos primeiros tipos móveis em metal, apesar de sua legibilidade limitada.

A Textura se caracteriza por suas linhas austeras e rígidas. Desenvolvida nos centros monásticos e universitários da França, Inglaterra e Alemanha entre os séculos XII e XIII, era amplamente utilizada em manuscritos religiosos de luxo. Suas letras angulosas e condensadas, com traços verticais marcantes e formas geométricas estreitas, maximizavam o espaço nas linhas de texto, embora dificultassem a leitura em blocos, sendo mais apropriadas para títulos ou livros que buscavam um impacto visual. Em contraste, a Gótica de Suma, ou Rotunda, emergiu principalmente no sul da Europa, especialmente na Itália e partes da Espanha. Adaptada das tradições locais, apresentava letras mais arredondadas e suaves, com espaçamentos amplos entre as letras e palavras, tornando o texto mais legível. Com a ascensão do Renascimento, sua influência cresceu, substituindo gradualmente a Gótica de Forma em muitos textos.

A Bastarda surgiu como um híbrido que combinava elementos da gótica e da minúscula carolina. Desenvolvida para a cópia rápida de documentos seculares, sua flexibilidade permitia adaptações. Essa escrita era amplamente utilizada em documentos administrativos, comerciais e pessoais, destacando-se pela mistura de traços angulares e redondos, facilitando a escrita

rápida e eficiente. Por fim, a Fratura (*fraktur*), que surgiu na Alemanha no final do século XV, tornou-se uma das variantes mais icônicas da letra gótica. Com seus traços quebrados e ornamentados, a Fratura se diferenciava por sua aparência estilizada. “A *fraktur*, permaneceu em uso por séculos em diversas partes da Europa. No entanto, o breve período em que foi adotada como fonte oficial do Terceiro Reich comprometeu permanentemente sua imagem” (PARTER, 2020, p. 45).

Durante o século XX, durante o período do regime nazista na Alemanha, a tipografia e os estilos de escrita tornaram-se instrumentos de afirmação ideológica e política. O governo utilizou a escrita como meio de promover sua identidade nacional, buscando reforçar elementos considerados "genuinamente alemães" em diversos aspectos da vida cotidiana, incluindo a educação, a mídia e a produção editorial. A preferência pelo uso de letras góticas, associadas ao passado germânico, tornou-se um símbolo desse movimento de nacionalização.

Bain e Shaw (2001) descrevem que, em 1933, parecia que a questão estava resolvida. Os nacional-socialistas estavam no controle e declararam que o estilo gótico, considerado o "tipo alemão", seria a "forma de escrita" oficial dos alemães. Todos os materiais impressos, incluindo livros didáticos e jornais, passaram a ser novamente produzidos em estilo gótico. A influência do governo era evidente em 1935, a imprensa *Mainzer Presse* foi obrigada a substituir os tipos modernos por letras góticas fraturadas nas produções gráficas. Os volumes previamente impressos foram substituídos por edições reformuladas, já que manter a versão anterior implicaria na perda de subsídios, colocando em risco a continuidade do empreendimento. Apesar desse cenário, não seria correto afirmar que todos os tipógrafos e designers de tipos se aliaram ao regime nazista. Aqueles que eram contrários ao regime e tinham os meios para fazê-lo, optaram por emigrar.

Na metade da década de 1930, parecia que o triunfo do estilo tipográfico alemão estava consolidado. Contudo, para a surpresa de muitos, em 1941, surgiu um decreto assinado por Martin Bormann, proibindo o uso do gótico. Repentinamente, todos os materiais impressos tiveram que ser convertidos para o estilo romano: jornais foram recompostos, livros didáticos foram substituídos. Embora a proibição não tenha sido total, já que os tipos góticos ainda podiam ser usados em impressões comuns, o decreto causou um grande impacto na indústria gráfica alemã. A justificativa oficial para tal proibição era peculiar, afirmava-se que as letras góticas eram "*Schwabacher-Judenlettern*" (letras judaicas), sugerindo que, no início da impressão de livros, judeus teriam assumido as oficinas de impressão e promovido o uso dessas letras. A razão real para a abolição do gótico foi política. Em 1941, com os exércitos de Hitler

em ascensão, precisaram adotar o estilo tipográfico romano, mais amplamente utilizado globalmente, para afirmar seu domínio (BAIN; SHAW, 2001).

A tipografia gótica, com suas características angulares e verticais, foi ressignificada por diferentes movimentos culturais, sendo adotada por subculturas como o punk, o heavy metal e, mais tarde, o rap. A estética gótica, inspirada na literatura romântica e no horror gótico do século XIX, trazia à tona a fonte gótica em cartazes de bandas, capas de álbuns e revistas relacionadas ao movimento.

As letras góticas têm uma presença marcante em títulos de jogos de *console* que retratam cenários sombrios da Idade Média. Esse estilo tipográfico atrai especialmente aqueles que se interessam por temas como ocultismo, satanismo e astrologia, devido ao seu aspecto misterioso e enigmático. Além disso, os admiradores do *Gothic Rock* e do *Heavy Metal* também se identificam com a aparência angular e impactante dessas letras (HEITLINGER, 2006). Seu uso nessas visualidades caracterizava seu formato angular e dramático da letra, especialmente o estilo fratura. O *Black metal*, um subgênero do heavy metal que ganhou notoriedade nas décadas de 1990 e 2000, também adotou a letra gótica como parte de sua estética.

No Brasil, essa tipografia ganhou destaque na capa do álbum "Sobrevivendo no Inferno", lançado em 1997 pelo grupo Racionais MC's. O disco aborda temas como desigualdade, violência policial, racismo e a luta pela sobrevivência nas periferias do país. A capa do álbum utiliza a cor preta com o título em tipografia gótica vermelha. A escolha dessa fonte subverte conotações, empregando-a para construir uma narrativa de resistência à ideia de um julgamento final. Essa temática é evidente nas músicas do álbum, como em 'Capítulo 4, Versículo 3', que faz referências diretas à Bíblia.

O estilo gótico não se limita à música; ele também permeia o design de logotipos e rótulos de marcas. A escolha de letras góticas, como a Fraktur, confere uma atmosfera histórica a produtos variados. Uma ampla gama de marcas de cerveja, licores, destilados e vinhos adota a tipografia gótica em seus rótulos. Essa escolha visa transmitir ao consumidor a ideia de que o produto se beneficia de tradições antigas ou é elaborado com base em receitas tradicionais, evocando uma mensagem de tradição voltada ao consumidor burguês. Embora essa prática seja prevalente na Europa Central, também é comum em diversos países da América Latina (HEITLINGER, 2006).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da tipografia gótica, desde suas origens na caligrafia medieval até sua utilização em contextos políticos e culturais, reflete uma notável capacidade de adaptação. De marginalizada, passou por momentos de ressignificação, nos quais a letra gótica foi empregada como expressão de identidade, resistência e poder. Seja no nacionalismo do século XX, nas subculturas urbanas ou no design contemporâneo, a letra gótica vai além de seu caráter estético, tornando-se um símbolo de tradição, ruptura e inovação. Essas transformações históricas, políticas e culturais redesenharam a letra ao longo dos séculos, marcando sua relevância simbólica.

REFERÊNCIAS

- BAIN, P.; SHAW, P. **Letras góticas: tipo e identidade nacional**. Valência: Editorial Campgràfic, 2001.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
- HEITLINGER, P. **Tipografia**. Origens, formas e uso das letras. Lisboa: Dinalivro, 2006.
- LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LUPTON, E. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Olhares, 2021.
- LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MARQUES, J. Práticas paleográficas em Portugal no século XV. **Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, 2002, I Série, v. 1, p. 73-96.
- PATER, R. **Políticas do design: Um guia (não tão) global de comunicação visual**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.